APRESENTAÇÃO

A entrada no terceiro milênio certamente nos traz a dimensão do significado da cidade como patrimônio da humanidade nos estimulando a refletir sobre o trajeto da modernidade herdeira de projetos sócio-culturais dos séculos que construíram as lógicas de racionalidade.

Nesse contexto, tecer alguns questionamentos sobre a cidade moderna é o convite que apresento em nome dos meus colegas Ana Luiza Carvalho da Rocha, Maria Eunice Maciel e Ruben George Oliven. Reflexões que organizamos a partir de nossas preocupações temáticas como pesquisadores do Núcleo de Pesquisas sobre Culturas Contemporâneas, NUPECs .

É certamente significativo para boa parte da humanidade, poder vivenciar ou mesmo presenciar esta passagem de século. Nunca estivemos tão estimulados a realizar sínteses e avaliações sobre os acontecimentos numa conjuntura tão precisa, tão documentada e historicizada. O mistério da vida e da reciprocidade que produz sua descontinuidade a muitos instigou na prática de verdadeiras alquimias intelectuais e arqueologias do saber para o alcance da explicação e/ou compreensão. A antropologia, em particular, conquistou nessa trajetória um papel epistemológico privilegiado de análise das reordenações temporais e espaciais no âmbito de uma pluridade étnica, cultural e social, local e global, contextual e universal.

Estilos de vida, *ethos*, *habitus*, formas de sociabilidade e interações, manifestações culturais, processos de construção de identidade, representações e memórias sociais, muitos são os instrumentos conceituais a partir do qual os trajetos da civilização urbana no século XX puderam ser enfocados e interpretados.

Nesse projeto antropológico, homens e mulheres, sujeitos cognitivos e atores sociais, agem no mundo se auto-identificando como *corpus* construtor de significações de pertencimento e diversidades simbólicas.

O percurso de disposição pelo conhecimento configura diferentes matrizes disciplinares nas ciências humanas e sociais aqui re-situadas para desvendar o complexo projeto de modernidade, que é também o da racionalidade, o da identidade, o da subjetividade, o da emancipação política no Estado moderno, o da construção do indivíduo, enfim, o da autoria do mundo.

Um dos prismas pelos quais o enigma do viver contemporâneo é fartamente abordado consiste na *démarche* da cidade. Tais estudos interpretam sob diferentes pontos de vista o fenômeno urbano e industrial que revolucionou o conhecimento ele próprio tecido no projeto da modernidade e no desenvolvimento histórico do capitalismo. Em tais estudos podemos ler sobre o triunfo da sociedade dos indivíduos que foi desenhando um processo de domesticação do tempo e do espaço, de colonização da natureza e da vitória do mundo técnico, transformando o mundo social logicamente tradicional no reino da subjetividade universal. Hegemonia essa, sabemos, prenhe de sua oposição instaurada pela diversidade das relações sociais sempre antagônicas.

Nesse ínterim, a cidade como objeto de pesquisa foi compreendendo instrumentos teóricos eficazes para o exercício interpretativo desse *locus*. O conceito da dialética irradiou uma clarividência sobre o incógnito mundo do *homo economicus*. Fórmula mágica da síntese (tese/antítese), da transformação e mediação (natureza e cultura), do terceiro, da tensão e do conflito (sociologia das formas), da contradição e da reciprocidade agonística que, construídos por arqueólogos do pensamento humano como Hegel, Marx, Durkheim, Simmel, Weber, Mauss, Lévi Strauss, etc, acabaram por fundar uma prática de compreensão do mundo da interação social dinamizada por processos de identificação e diferenciação histórico-culturais.

Esses enfoques teóricos apropriados por uma antropologia já consagrada em seu método etnográfico de estudos de sociedades ditas simples revigora as análises de culturas urbano-ocidentais pela sua qualidade de proporcionar o conhecimento da(s) cidade(s) a partir da investigação na cidade, tudo construindo no pesquisador a reflexão sobre a cidade que o habita e o concebe.

Interpretar a cidade é um mágico exercício reflexivo de ver-se a si mesmo nas transformações históricas profundas tanto quanto nas regularidades e rotinas de uma vida cotidiana. Nessa, redes de pessoas dinamizam estruturas sociais, negociam identidades, empreendem posições políticas, diferenças econômicas e avanços tecnológicos, estilizando a existência no ritmo do nascer e do morrer, ou do "envelhecer junto" no âmago dessa "criatura" que "criamos" coletivamente e que nos cria individual e socialmente.

Fazer uma revista que reúna um olhar plural sobre o viver a cidade no mundo contemporâneo, a partir do estudo antropológico de pesquisadores brasileiros, argentinos, americanos e franceses, foi uma estratégia encontrada para permitir ao leitor um lugar dialógico nesse jogo reflexivo permitindo pensar a cidade, sua, a do outro, a do mundo, em um enfoque de reciprocidade cognitiva

ou, como sugere Massimo Canevacci em *A cidade polifônica*, como um *flâneur* antropólogo que olha, lê e interpreta a cidade como matéria significante, o que requer também do leitor a experiência da "profunda desorientação", como nos ensina a máxima antropológica de tornar familiar o que é estranho e de estranhar o que é familiar, que inspirou tantos antropólogos a narrarem as cidades à luz de um Walter Benjamin, de um Claude Lévi-Strauss, de um Roberto da Matta, entre tantos outros narradores na cidade.

O ato da pesquisa antropológica nos permite essa reflexão justamente pela interpretação comparativa que o leitor pode encontrar no fluxo dos diversos artigos que buscamos aqui reunir e que passamos a apresentar.

O intelectual que de forma tão meritória influenciou toda uma geração de antropólogos a pensar o viver nas cidades brasileiras abre aqui simbolicamente nossa revista. Gilberto Velho consolida no Brasil o estudo da complexidade como objeto de pesquisa antropológico e, nessa oportunidade, nos instiga, com o artigo intitulado *Individualismo, anonimato e violência na metrópole,* a acompanhar a gênese do pensamento intelectual que consolida um projeto de antropologia urbana para nos emaranhar em questões e problemáticas que estetizam novas formas do habitar e estilizam as interações sociais nas cidades brasileiras.

Em seguida convidamos o leitor para o exercício comparativo com o artigo de Setha M. Low ao tecer um microolhar para levantar questões globais sobre a cidade moderna com o artigo *Cultural In The Modern City: The Micro Geographies Of Gender, Class, And Generation In The Costa Rican Plaza*

No Brasil, é Manuel Ferreira Lima Filho que nos conduz a pensar antropologicamente sobre o processo de domesticação do tempo e do espaço e do desvendamento dos mitos de fundação das cidades modernas a partir do caso singular de uma pequena localidade do interior do Brasil Central com o artigo *Aragarças: a cidade encantada da Fundação Brasil Central.*

O artigo de Andrea Matrángelo convida para a reflexão a partir do caso argentino com *Londres y Catamarca. La articulación rural/urbano en una localidad del no argentino a fines del s. XX;* e o artigo de Sophie Chevalier *Intérieurs domestiques urbains en France et en Angleterre* desloca nosso olhar macro para o exercício relacional de nossas imagens e ações simbólicas ao povoarmos o interior de nossas unidades domésticas.

As imagens (geográficas, cartográficas, fotográficas, etc) produzidas sobre as cidades conformaram as alegorias emblemáticas que dominam nossas

representações sociais da cidade. Fraya Frehse, com o artigo *Cartões postais paulistanos da virada do século XX: Problematizando a São Paulo "moderna"*, e Marluci Menezes, em *Do espaço ao lugar. Do lugar às remodelações sócio-espaciais*, nos conduzem nesta reflexão temática.

As imagens do medo e da violência importantes para interpretarmos hoje os estilos de vida e *ethos* nas cidades brasileiras são captadas no artigo de Maria Cristina Giacomazzi, *Medo e violência no contexto urbano: o caso de José*.

A reflexão sobre a imagem de conflito e tensão política do viver na cidade é finalmente o que convidamos o leitor a encontrar no artigo de Sabina Frederic, *De reunión en reunión. La observación participante en el conocimiento etnográfico de procesos políticos urbanos*.

Nosso já tradicional *Espaço Aberto* traz um relato sobre a trajetória de um antropólogo preocupado com a questão urbana, buscando estimular todos a pensarem seus encontros e desencontros nesse percurso intelectual ao lerem a entrevista que a antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha realizou com o antropólogo Ruben George Oliven, especialmente para esta revista intitulada *O itinerário da antropologia urbana do ponto de vista da jornada de um autor: uma conversa com Ruben George Oliven.*

Por fim, aproveitamos este fórum para trazer uma notícia de reciprocidade intelectual e acadêmica. Não podemos pesquisar a cidade e na cidade sem inúmeras trocas locais e globais, para parafrasear Ruben George Oliven. Reproduzimos aqui uma conversação dos cientistas que compõem o Laboratório de Antropologia Visual e Sonora do Mundo Contemporâneo (Paris, França) sobre suas trajetórias acadêmicas e produção científica, contando promover um diálogo que desejamos ampliar. Assim, finalizamos com a "conversa" de Jean Arlaud, Pascal Dibie, Christine Louveau de la Guigneraye e Luiz Eduardo Robinson Achutti intitulada *Conversation sur les préoccupations scientifiques et les perspectives de recherche au sein du Laboratoire d'anthropologie visuelle et sonore du monde contemporain.*

Agradecemos aos que colaboraram com os organizadores desta revista: Thaís Vieira, bolsista técnica CNPq no Projeto BIEV/ PPGAS, pelo trabalho de ilustração de capa; Luciane Delani, funcionária da Gráfica UFRGS, pela editoração; Prof. Sérgio Teixeira, editor dessa revista, pelo empenho para sua publicação.

Cornelia Eckert